

● **Virtudes e defeitos** de duas maiorias de Cavaco, que começaram há 25 anos

# CRISE ACENTUA E DESFAZ AS DUAS FACES DO CAVAQUISMO

Ana Paula Correia e Telma Roque  
politica@jn.pt

**Um Governo, uma maioria.** Há 25 anos, Cavaco tomava posse e cumpria parte do sonho de Sá Carneiro. Mas o legado do cavaquismo divide opiniões e o que de melhor ficou está a esboçar-se por culpa da crise.

**D**e um lado da balança, a exaltação de um progresso sem precedentes, a melhoria das condições de vida, a modernização de um país muito voltado para a lavoura, a integração europeia. Do outro, um modelo de desenvolvimento sem visão, que desertificou o Interior, aumentou a despesa pública e o facilitismo nos negócios.

Políticos, politólogos e especialistas dividem-se quanto à herança deixada pelo atual presidente da República, cujas marcas persistem, para o bem e para o mal.

Mais-valias do cavaquismo como o desenvolvimento do estado social, do Sistema Nacional de Saúde, o crescimento das classes médias ou a melhoria das pensões de reforma e das condições do setor públi-

co, que o politólogo Costa Pinto destaca, estão a desaparecer devido à crise.

A ironia maior "é ser o atual Governo, da mesma cor política, obrigado a gerir o país numa conjuntura de crise, que está a desmantelar o cavaquismo", aponta.

Do saldo negativo do cavaquismo sobressaem as críticas ao progresso assente no betão, à incapacidade para resistir à pressão da banca e grupos económicos e a destruição da agricultura e das pescas, que, na atual conjuntura, a existirem, poderiam fazer a diferença. A crise, que está a esgarçar o bom, pode também estar a acentuar as más escolhas do passado.

"O cavaquismo teve duas marcas congénitas. Foi o regime da escolha dos caminhos fáceis. Aplicou os recursos abundantes sempre da forma que rendesse maior proveito político imediato", critica José Reis, investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.

A seu ver, o resultado foi "um crescimento sem qualidade nem preparação do futuro", embora tenha promovido "a ideia de que originou uma década de crescimento nunca vista em democracia". Frisa ainda que, com o cava-

quismo, assistiu-se "a uma inédita apropriação do Estado por uma classe clientelar, que se fez apenas na política e que se se transferiu rapidamente para os negócios, usando o estatuto anterior para negociar com o Estado".

Para o ex-líder da CGTP Carvalho da Silva, "o cavaquismo é, talvez, a referência de uma cultura política que mais iludiu os portugueses". A ideia que passava era a de que "o país estava no pelotão da frente, quando não tinha ainda colocado o pé no estribo da última carruagem".

Críticas que, na opinião de Bagão Félix, secretário de Estado no segundo Governo de Cavaco, são injustas. "Impriu mudanças profundas no país, trouxe rigor e eficiência", salientou, elogiando ainda o seu modo de fazer política, "menos ideológica e mais pragmática". Para Bagão, cuidou mais da "policy" do que das "politics".

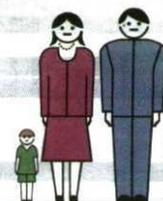
Basílio Horta, na altura militante do CDS, elogia "o excelente ministro das Finanças" que foi Cavaco, quando ambos integravam o Governo de Sá Carneiro, mas considera que enquanto primeiro-ministro deu sinais de autoritarismo e "não teve um projeto coerente para o país". ●

## PORTUGAL // ANTES E DEPOIS DA GOVERNAÇÃO DE CAVACO

	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990
<b>SAÚDE</b>							
Hospitais		70					
Centros de saúde		329					
Médicos		21 275					
Enfermeiros		19 289					
Mortalidade infantil		17,8%				14,2%	
<b>EDUCAÇÃO</b>							
Docentes (até ao 12.º ano)		123 932			130 110		
Alunos (até ao 12.º ano)		2 068 627			2 111 013		
<b>APOIOS SOCIAIS</b>							
Valor da pensão mínima		56,5€			57,4€		
Desempregados inscritos		355,3 mil			310,5 mil		
Desempregados com subsídio		71 351			68 887		
Abono de família		3,3€			5,6€		
SALÁRIO MÍNIMO		95,8€			125,7€		
<b>FAMÍLIAS</b>							
Rendimento anual (milhões €)		18 836			26 017		
Poupança anual (milhões €)		3889			5286,7		
<b>JUSTIÇA</b>							
<b>Magistrados judiciais</b>							
Tribunais		316			316		
<b>CONTAS PÚBLICAS</b>							
Dívida em % do PIB							
Défi ce							
PIB PER CAPITA		8317,6			9243,7€		
TAXA DE INFLAÇÃO		19%			10,2%		
<b>TRANSFERÊNCIAS DA UE</b>							
Saldo (recebido-pago, milhões €)					219 920		
<b>FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS</b>							
		464 321					

Fonte: PORDATA - INFOGRAFIA.JN

Em 1987, Cavaco ganhou a primeira maioria absoluta. A taxa de inflação era de 10,2%, havia 464 mil funcionários públicos, o valor da pensão mínima era de 57,4€ e o salário mínimo de 125,7€. A taxa de mortalidade infantil era de 14,2% e a prestação de abono de família de 5,6€

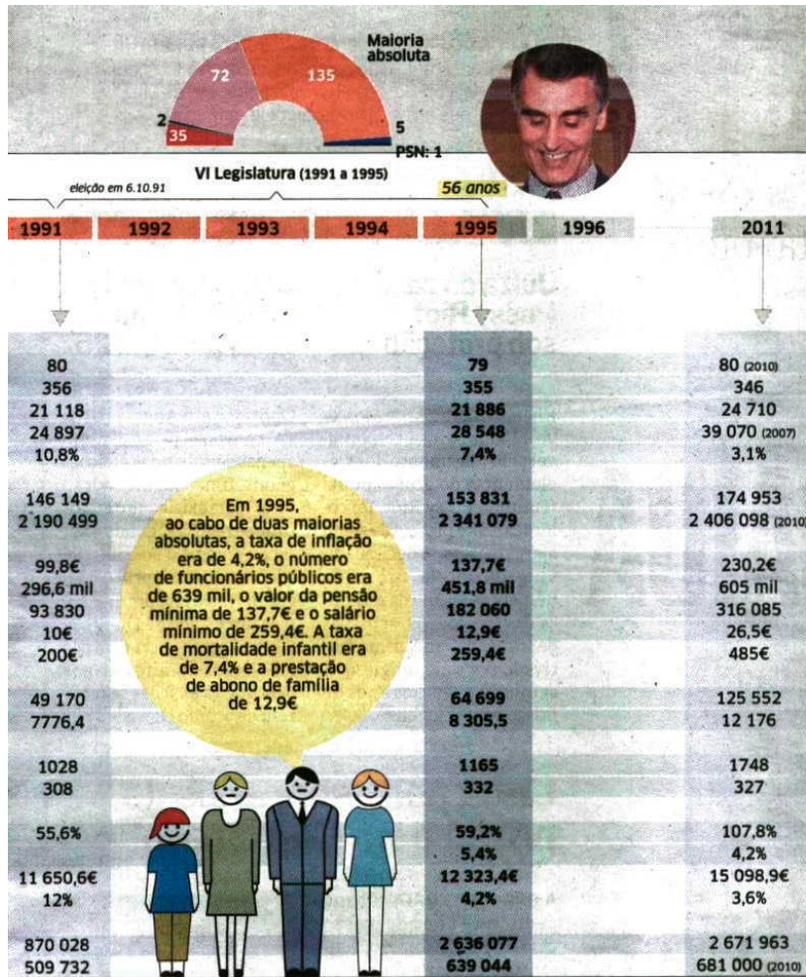


## MOMENTOS / OITO ANOS

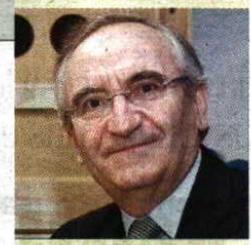
### GREVE GERAL MARÇO DE 1988

As duas centrais uniram-se pela primeira vez numa greve geral contra o pacote laboral da altura. Foi o primeiro grande sobressalto político-social de Cavaco, que, confessaria mais tarde, não gostou do apoio do então chefe do Estado, Mário Soares, que estava na Guarda numa das suas célebres presidências abertas. Começou aí a relação difícil entre os dois políticos, até porque o socialista acabaria por enviar o pacote laboral para o Tribunal Constitucional, que reprovou as normas que eram contestadas pelos sindicatos. Belém tornou-se, aliás, juntamente com o Tribunal de Contas e o Constitucional, uma das "forças de bloqueio" que Cavaco contestou por limitarem a sua maioria absoluta.





**OPINIÕES**



**“Foi um primeiro-ministro de rigor e eficiência, que fazia uma política muito direta, uma política menos ideológica e mais pragmática.”**  
Bagão Félix  
Ex-sec. de Estado de Cavaco



**“Tomou medidas avulsas. Não teve um projeto coerente para o país. Olhou para as Finanças e quase se esqueceu do resto do país.”**  
Basílio Horta  
Antigo dirigente do CDS

**COM MAIORIA ABSOLUTA**

**MAIORIA RENOVADA**

**OCTUBRO DE 1991**  
O reforço ligeiro da maioria absoluta, em 1991 (de 50,1%, em 1987, para 50,4%), deu a Cavaco a possibilidade de continuar a governar da única forma que sabia – sem ter que negociar com parceiros de coligação ou com a Oposição. Seis anos depois de ter chegado à liderança do PSD e de ter acabado com a aliança governativa com o PS, o Bloco Central, o antigo ministro das Finanças tinha conseguido, com a “ajuda” de Ramalho Eanes ainda em Belém, em 1987, conquistar a primeira maioria. A moção de censura do PRD ao seu governo minoritário permitiu-lhe cumprir, em parte, o sonho de Sá Carneiro: “um Governo, uma maioria, um presidente”. Falto o presidente.

**FÉRIAS EM S. TOMÉ**

**AGOSTO DE 1993**  
“Quem trepa no coqueiro é o rei”, cantava Zeca Afonso. Mas Cavaco não deveria conhecer a ironia do músico quando em 1993 foi passar férias com Maria, a mulher, a S. Tomé e Príncipe e se fez fotografar a exibir a sua agilidade a subir a um coqueiro. Era o tempo das “vacas gordas”, quando se conjugava o verbo governar com distribuição de fundos da União Europeia. Não passava, por isso, na cabeça do economista de Boliqueime aconselhar os portugueses, como faz agora na Presidência da República, a passarem férias em Portugal, em prol do equilíbrio das contas públicas. Nesse tempo, também Soares fazia férias exóticas, embora menos ágil, ao sentar-se sobre a carapaça de uma tartaruga nas Seicheles.

**BLOQUEIO NA PONTE**

**JUNHO DE 1994**  
Foi o princípio do fim do cavaquismo. A carga da polícia de choque que o então ministro da Administração Interna, Manuel Dias Loureiro, ordenou sobre os cidadãos que participavam no bloqueio na ponte 25 de Abril, com transmissão televisiva em direto, foi o ponto de viragem da opinião pública em relação a Cavaco Silva, que nas eleições de 1995 deixou que a derrota do PSD recaísse sobre Fernando Nogueira. Dezenas de camionistas, apoiados pela população, tinham bloqueado a travessia do Tejo contra o aumento das portagens, que resultava do contrato da primeira grande parceria público-privada (PPP) para custear a construção da ponte Vasco da Gama.



**“Foi uma governação num tempo em que era possível ter encetado alguns desafios estratégicos para Portugal, que não foram agarrados.”**  
Carvalho da Silva  
Ex-líder da CGTP



**“A marca essencial do cavaquismo foi ter deixado essa semente incontornável que é o uso da esfera pública para o engrandecimento do privado.”**  
José Reis  
Economista

